A identificação e a classificação dos gêneros jornalísticos no rádio a partir das características da linguagem radiofônica[1]

Clóvis REIS[2]
Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, SC

Resumo

A confusão terminológica entre gênero, formato, espaço e tipo de programa indicam a necessidade de pesquisas que avancem no estudo dos gêneros jornalísticos no rádio. O desenvolvimento de uma nova classificação deveria considerar as características da linguagem radiofônica presentes na produção da mensagem, recolhendo as modalidades expressivas que são próprias desse meio e explicando a função das diferentes classes de estrutura. O presente trabalho busca suprir tal lacuna, dando seqüência a pesquisas anteriores do autor.

Palavras-chave: gênero; gênero jornalístico; gênero radiofônico; rádio.

1 Introdução

Os avanços que se verificam na pesquisa sobre os gêneros jornalísticos – da qual Marques de Melo (2009) facilita prolífico levantamento – não se observam nos estudos realizados especificamente sobre o meio rádio. De fato, ainda são incipientes os trabalhos que tenham como foco exclusivo os gêneros radiofônicos. Martinez-Costa e Herrera (2005) apontam um estancamento de tais pesquisas, observando que na atualidade os estudos priorizam aspectos relativos à programação, produção e tecnologia de transmissão.

Além disso, advertem que, em geral, as classificações fazem uma mera transposição de gêneros do jornalismo impresso, desconsiderando as características próprias do rádio, como o suporte exclusivamente sonoro, a fugacidade da mensagem, as propriedades da comunicação oral e a presença de elementos lingüísticos não-verbais na elaboração da mensagem. Entretanto, tais singularidades constituem uma linguagem própria do meio e condicionam as modalidades de construção da narrativa. Por isso, consideram necessário o desenvolvimento de uma teoria dos gêneros jornalísticos específica para o meio rádio que amplie as propostas disponíveis na atualidade.

[1] Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Doutor em Comunicação. Email: clovis@furb.br.

No caso brasileiro, Marangoni (1998), Barbosa Filho (2003) e Lucht (2009) conjugam a revisão da literatura com a análise empírica de casos de estudo, descrevendo os gêneros jornalísticos mais freqüentes na programação das emissoras de rádio.

Efetivamente, Barbosa Filho (2003) dá uma valorosa contribuição aos trabalhos na área, propondo uma classificação das diferentes modalidades de narrativa radiofônica, na qual identifica os seguintes gêneros: jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e especial. O autor divide os gêneros jornalísticos veiculados no rádio em nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesa-redonda ou debate, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica.

Não obstante, a classificação agrupa numa mesma categoria tanto estruturas classificadas como gêneros quanto produtos definidos como programas. Os gêneros constituem modalidades de construção da mensagem, enquanto os programas são um conjunto de conteúdos com uma organização própria, diferenciada, horário e duração previamente determinados, condicionados pelos recursos técnicos, humanos e econômicos, e com previsão de emissão durante um determinado tempo (CEBRIÁN HERREROS, 1994). Um programa comporta o emprego de vários gêneros. O radiojornal, por exemplo, inclui a emissão de notas, notícias, reportagens, entrevistas, comentários e crônicas, entre outras modalidades.

O presente trabalho busca suprir tal lacuna, dando seqüência a pesquisas anteriores do autor (REIS, C.; ZUCCO, F. D.; RAMOS, P., 2007; REIS, C., 2009). Em concreto, a investigação propõe a identificação dos gêneros jornalísticos a partir de uma abordagem que: a) contemple as várias modalidades de construção do texto jornalístico no rádio; b) explique a função/intencionalidade das diferentes classes de estrutura; e c) descreva os gêneros jornalísticos levando em conta os elementos da linguagem radiofônica empregados na elaboração das mensagens. A continuidade deste estudo permitirá, num segundo momento, a proposição de uma nova tipologia dos gêneros jornalísticos específica para o meio rádio.

Nesse percurso teórico, a investigação tem como referência taxonômica a proposta metodológica de Marques de Melo (2009), que estabelece a seguinte hierarquia de classificação textual: gênero (classe que agrupa unidades de mensagem) → formato (estrutura derivada dos diferentes gêneros) → tipo (realização concreta das várias espécies de texto).

2 Desenvolvimento

Balsebre (1994) afirma que o rádio cumpre três funções, sendo um meio de expressão, de comunicação e de difusão. O autor se interessa, sobretudo, pelas características expressivas do rádio e reivindica para o meio uma função estético-comunicativa, que comece na beleza do sonoro e termine na interação comunicativa entre o emissor e o receptor da mensagem.

Nesse sentido, define a linguagem radiofônica como o conjunto de formas sonoras e não-sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio. O processo de significação da linguagem radiofônica depende do conjunto de recursos técnico-expressivos da reprodução sonora e dos vários fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes.

Cada um dos elementos expressivos da linguagem radiofônica – palavra, música, efeitos sonoros e silêncio – é em si mesmo extremamente rico. Quando combinados, perdem a unidade conceitual, se exerce uma interação modificadora, que dá como resultado um novo conceito, o de linguagem radiofônica, cuja totalidade se percebe como algo superior à soma das partes. (PRADO, 1981)

Ainda que a palavra ocupe uma função de grande relevância, não se pode afirmar que seja exclusivamente a parte mais importante da linguagem radiofônica. Palavras, músicas, efeitos e silêncios resultam igualmente significativos. Todos são elementos sonoros necessários para potencializar as possibilidades expressivas do meio. (MERAYO PÉREZ, 2002)

No processo de recriação da realidade, intervêm fatores como a fugacidade da mensagem, o suporte exclusivamente sonoro para o transporte do conteúdo, a distância entre o emissor e o receptor, e as condições de recepção de um público indiscriminado. Nesse sentido, o discurso radiofônico possui regras e códigos de expressão próprios. A narrativa radiofônica se diferencia da narrativa tradicional pelas seguintes particularidades, que Faus Belau (1973) aponta:

- Os processos de criação e de elaboração têm diferentes intenções e são condicionados por distintos suportes físicos (no caso do rádio, somente o som) e na forma de execução.

- O rádio oferece possibilidades de expressão distintas, porque seu texto é escrito para ser ouvido. A condição não empobrece a narrativa radiofônica, mas sim

incorpora elementos (como a música, os efeitos, o silêncio, etc.), que ampliam as possibilidades comunicativas e afetam a intencionalidade da mensagem.

- A forma de recepção da mensagem é distinta: leitura versus escuta, olhos versus ouvidos. De uma narrativa escrita se passa a uma narrativa falada, do campo visual ao auditivo.

- As possibilidades de compreensão não são as mesmas: a narrativa do rádio é fugaz, enquanto o texto impresso é permanente, o que afeta a compreensão da mensagem.

Desse modo, se pode dizer que a linguagem radiofônica se situa entre o texto escrito e o oral, porque baseia a sua carga expressiva tanto na palavra como em outros elementos sonoros e não-sonoros. A mensagem participa tanto das condições de produção dos textos escritos como da forma dos textos falados e não lidos. (MARTÍNEZ-COSTA, 2002)

Portanto, trata-se de um modo distinto de comunicar e, nesse contexto, se desenvolve a linguagem radiofônica, padronizada em técnicas que facilitam a interação entre o emissor e o receptor. O primeiro necessita conhecer as características do suporte para a eficácia da mensagem, o que significa a adequação do conteúdo à estrutura (e vice-versa), enquanto o segundo se encontra exposto a circunstâncias físicas que atuam sobre a decodificação da mensagem.

O ponto de partida é o fato de que o rádio é exclusivamente sonoro. Diferentemente da televisão, do cinema, das revistas, dos jornais, da Internet e da mídia exterior, o rádio não tem imagens. O rádio é um meio cego (MERAYO PÉREZ, 1992, p. 20). Toda a sua possibilidade de comunicação se funda na capacidade de transformar a realidade física em imagens mentais. Por esta razão, Olmo (1998, p. 37) afirma que o rádio é o meio que permite ver com os ouvidos, enquanto Schulberg (1992, p. 5) define o rádio como o teatro da mente.

A palavra, o silêncio e as pausas criam um campo acústico imaginário, diferente para cada ouvinte, de acordo com a sua capacidade de atenção e abstração. Entre as características do rádio derivadas da sua linguagem, destacam-se a emoção e a imaginação, o diálogo pessoal, a escuta compatível com outras atividades e a efemeridade das mensagens.

No rádio, o locutor é um amigo que aconselha, que fala no volume e no tom adequados, o que estabelece uma audiência cativa e outorga à programação radiofônica uma aparente individualização. Nesse mundo pós-mídia de massa, o rádio é o “meio

pessoal definitivo", como se refere Schulberg (1992, p. 1), ou o "mais pessoal dos meios de massa", como o chamam Russel e Lane (1993, p. 226).

Tais condições conformam algumas características que distinguem o rádio de outros meios e que, em conseqüência, impõem um marco próprio de funcionamento. Uma identificação dos gêneros jornalísticos que levasse em conta as peculiaridades da linguagem radiofônica incluiria, entre outros, os seguintes âmbitos descritivos:

- As diferentes vozes que intervêm na emissão da mensagem (repórter, entrevistado, apresentador, etc.)
- As técnicas narrativas empregadas na construção do texto.
- Finalidade da mensagem.
- Características gerais de estilo.
- A utilização de fundos musicais.
- O emprego de efeitos sonoros.
- Pausas, entonações e silêncios.
- Modo de emissão (ao vivo, gravado ou misto).
- Tipo de inserção (avulso, durante um programa ou autônomo).
- Contexto de difusão (modelo de programação da emissora de rádio, perfil da audiência, área de cobertura, suporte de transmissão, etc.).
- Condições de uso/percurso sócio-histórico do gênero.
- Tempo ou duração da mensagem.
- Outras características técnicas.

Tais variáveis se revelaram extremamente úteis em estudos anteriores realizados pelo autor (REIS, 2004; REIS, 2008) e coincidem parcialmente com uma proposta de Martinez-Costa e Herrera (2004), cujo modelo prevê o emprego de quatro âmbitos descritivos para o estudo dos gêneros radiofônicos. São eles: conteúdo da mensagem, recursos estilísticos utilizados, condições de produção e integração do produto à programação radiofônica.

Não obstante, em uma classificação dos gêneros jornalísticos, Merayo Pérez (2002) considera que resultaria particularmente difícil uma separação entre textos informativos e opinativos, e aponta uma suposta tendência à mistura de notícias e comentários na veiculação dos conteúdos. Segundo ele, as especificidades do meio que dificultam uma limitação clara entre a apresentação e a avaliação dos fatos seriam as seguintes:

- O emprego da voz humana inclui conotações dramáticas e a locução no rádio supõe uma inevitável carga subjetiva relacionada à entonação.

- O uso da comunicação oral, com características semânticas mais complexas do que na comunicação escrita, apóia-se em expressões coloquiais que, freqüentemente, produzem interpretação ambígua.

- O caráter irreversível da mensagem radiofônica, o que motiva a interpretação de que o que se diz no rádio tem menos importância que a mensagem escrita.

- O rádio oferece menos possibilidades para uma separação formal entre fatos e opiniões, diferentemente da imprensa, que dispõe de abundantes recursos visuais para isolar um gênero do outro.

- Alguns elementos da linguagem radiofônica, como as músicas, os efeitos e os silêncios, introduzem na narração complementos de grande emotividade, que denotam uma opinião sobre os fatos.

Desse modo, Merayo Pérez propõe para o rádio uma distinção entre os gêneros jornalísticos estruturados em torno de um monólogo e os gêneros jornalísticos articulados através do diálogo. Convém observar que o diálogo e o monólogo são critérios de classificação para a apresentação de conteúdos que também permeiam os estudos de Faus Belau (1973) e de Cebrián Herreros (1994).

A primeira categoria (monólogo) incluiria a apresentação dos conteúdos realizada por um ou vários locutores que intencionalmente não dialogam entre si ou com uma terceira pessoa, como é o caso da nota, da crônica, do editorial ou do comentário. A segunda categoria (diálogo) agruparia as estruturas narrativas que se configuram com a participação de diferentes pessoas no discurso, como é o caso da entrevista, da reportagem, do debate e da mesa redonda.

3 Considerações finais

As contradições que apontam tanto Merayo Pérez (2002) quanto Martinez-Costa e Herrera (2004 e 2005), assim como a confusão terminológica entre gênero, formato, espaço e tipo de programa, indicam a necessidade de novas pesquisas que avancem na discussão do tema. O desenvolvimento de uma nova tipologia dos gêneros jornalísticos no rádio deveria considerar as características da linguagem radiofônica presentes na produção da mensagem, recolhendo as modalidades expressivas que são próprias do desse meio e explicando a função das diferentes classes de estrutura.

A atualização das classificações disponíveis na atualidade interessa tanto aos jornalistas como aos leitores, ouvintes e telespectadores. Se, por um lado, os gêneros servem como modelo de enunciação, sendo uma ferramenta de trabalho que facilita a tarefa de escrever, por outro, funcionam como um modelo de recepção, que permite à audiência a compreensão sobre a finalidade de um determinado texto e a atitude com que o jornalista encara a realidade.

Desse modo, a continuidade do presente estudo contribuiria para melhorar o ensino dos gêneros jornalísticos e redundaria em um substancial benefício para a profissão radiofônica, uma vez que estimularia a criatividade na oferta de conteúdos e facilitaria o diálogo com o ouvinte. O modelo esboçado neste trabalho considera, em princípio, os pontos-chave que afetam ao processo de emissão das mensagens e, como hipótese, seus âmbitos de caracterização se estenderiam a diferentes mercados e contextos socioeconômicos, geográficos e culturais.

Numa próxima oportunidade, a investigação poderia avançar na compreensão de outros gêneros e formatos, entre os quais se incluiriam o interpretativo, o diversional e o utilitário, no campo do jornalismo, e as categorias entretenimento e teleducação, no conjunto do universo midiático.

Referências

BALSEBRE, A. **El lenguaje radiofónico**. Madri: Cátedra, 1994.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos: O**s formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

CEBRIÁN HERREROS, M. **Información radiofónica**: Mediación técnica, tratamiento y programación. Madri: Síntesis, 1994.

FAUS BELAU, A. **La radio**: Introducción al estudio de un medio desconocido. Madri: Guadiana, 1973.

LUCHT, J. M. P. Gêneros no radiojornalismo. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. (orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010, p. 269-290.

MARANGONI, N. **Programação jornalística vinte e quatro horas por dia**: O pioneirismo da CBN – Central Brasileira de Noticias. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.

MARQUES DE MELO, J. Gêneros jornalísticos no Brasil: O estado da questão. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – INTERCOM, 4 a 7 de setembro de 2009, Curitiba (PR).

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo**: Compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009.

MARTÍNEZ-COSTA, M. P. El proceso de escritura de la información radiofónica. In: MARTÍNEZ-COSTA, M. P. (coord.). **Información radiofónica**. Barcelona: Ariel, 2002, p. 97-119.

MARTÍNEZ-COSTA, M. P.; HERRERA, S. Los géneros radiofónicos en la teoría de la redacción periodística en España. Luces y sombras de los estudios realizados hasta la actualidad. **Comunicación y Sociedad**, número XVII, volume 1, p. 115-143, 2004.

MARTÍNEZ-COSTA, M. P.; HERRERA, S. **Qué son los géneros radiofónicos y por qué deberían importarnos** (2005). Disponível em: <http://gmje.mty.itesm.mx/articulos3/articulo_7.html>. Acesso em: 17 out. 2005: 15:30.

MERAYO PÉREZ, A. **Para entender la radio**. Estructura del proceso informativo radiofónico. Salamanca: UPSA, 1992.

MERAYO PÉREZ, A. La construcción del relato informativo radiofónico. In: MARTÍNEZ-COSTA, M. P. (coord.). **Información radiofónica**. Barcelona: Ariel, 2002, p. 59-96.

OLMO, J. S. **Nueva radio para nuevos tiempos con nuevos modos entre nuevos medios**. Valencia: Fundación Universitaria San Pablo, 1998.

PRADO, E. **Estructura de la información radiofónica**. Barcelona: ATE, 1981.

REIS, C. **La publicidad radiofónica**: Los formatos de anuncio y El mercado de la radio de Brasil. Tese de Doutorado (Comunicação). Universidade de Navarra, Pamplona-Espanha, 2004.

REIS, C.; ZUCCO, F. D.; RAMOS, P. Os gêneros jornalísticos nas emissoras de rádio de Blumenau. **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – INTERCOM, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007, Santos (SP).

REIS, C. **Propaganda no rádio**: Os formatos de anúncio. Blumenau: Edifurb, 2008.

REIS, C. Pacto de leitura ameaçado: O opinionismo nas emissoras de rádio. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – INTERCOM, 4 a 7 de setembro de 2009, Curitiba (PR).

RUSSEL, J. T.; LANE, W. R. **Kleppner´s advertising procedure**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993.

SCHULBERG, B. **Publicidad radiofónica**. Cidade do México: McGraw-Hill, 1992.